

“ANÁLISE HISTÓRICA DO PODER DO CONHECIMENTO NO PERÍODO DE COLONIZAÇÃO DO BRASIL”

Antonio Avila da Silva Junior¹

Cassia Cristina Leal Lopes²

RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar e evidenciar a educação brasileira no período da colonização, em especial no período jesuítico. O estudo foca na validação da dominação ou busca da mesma através da detenção do conhecimento. Levanta-se como hipótese que para dominar, basta o indivíduo deter o conhecimento. A questão direcionadora deste trabalho está ligada ao estudo de como se configura o processo de dominação social através da educação durante a catequização, finalizando num paralelo com a contemporaneidade.

Palavras-chave: educação, dominação social, conhecimento, poder.

Introdução

Não é de hoje que o ser humano tem a consciência crítica de que deter o conhecimento sobre algo ou situação é deter o seu poder. O que se percebe é que o indivíduo possuidor da erudição, do saber ou ainda da informação, torna-se possuidor da capacidade ou habilidade de impor sua vontade, através de ações como inteligência, calma, paciência, ou através da força, ameaça ou coerção, sobre outros indivíduos ou sociedades. Este artigo busca analisar a educação jesuítica sob o aspecto da submissão e da dominação social.

Sobre conhecimento e poder

O morfema conhecimento deriva do latim, *scientia*, e tem forte ligação com o que se sabe; a informação sobre algo ou situação, além do apanhado de saber de um indivíduo ou sociedade. Conhecimento segundo Ferreira (2004, p. 176) é “*Ato ou efeito de conhecer; informação ou noção adquiridas pelo estudo ou pela experiência; consciência de si mesmo*”. Também pode significar erudição ou saber.

¹ Especialista em Gestão da Educação Profissional e Tecnológica com ênfase em Fundamentos da Educação Didática e Docência na Educação Técnica de Nível Médio e Tecnológica, Bacharel em Comunicação Social, habilitação em Publicidade e Propaganda – Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). E-mail: antonioavilajr@yahoo.com.br

² Bacharel em Direito – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). E-mail: cascrileal@hotmail.com

Já a palavra poder deriva etimologicamente do latim, *potere*, é significa o direito de deliberar, agir e mandar. Tem ligação com a capacidade de exercer a autoridade, a soberania, o domínio e/ou a influência. Poder significa “Ter a faculdade de, ter força, ou energia, ou calma ou paciência, para, [...] ter o direito ou a razão de. [...] direito de deliberar, agir ou mandar, [...] autoridade constituída; governo dum país, função do Estado relativo a suas formas distintas e exercida pelos órgãos competentes.” (FERREIRA, 2004, p. 541). Aspectos sociológicos definem o morfema poder como a capacidade ou habilidade da imposição da vontade de um ser ou um agrupamento de pessoas, sobre outras, com ou sem resistência, com ou sem uso de ameaças.

A educação jesuítica

A história da educação brasileira tem seu início datado de meados da metade do século XVI, 1530, um pouco após à descoberta do Brasil pelos portugueses no ano de 1500. Sobre a população do país descoberto, tratava-se de indígenas que possuíam suas próprias características sociais, culturais e antropológicas. Ademais, seus hábitos e costumes em nada se assemelhavam aos hábitos dos recém-chegados: os portugueses.

Naquele momento histórico, o interesse na nova terra descoberta se fazia nítido: extrair o máximo de riquezas, porém os conquistadores não encontraram a priori riquezas fáceis de se distinguir e extrair, como diamantes, ouro ou pedras preciosas. Ao contrário, encontraram aqui uma riqueza natural de difícil extração, o pau brasil: uma madeira de lei muito apreciada na Europa. Porém, para extração, e até mesmo para desbravamento das terras, era de suma importância se comunicar de forma eficaz e efetiva com os indígenas. E a forma escolhida foi a catequização.

As atividades educativas em terra brasileira se iniciaram com a chegada dos primeiros jesuítas (1549), encarregados pela Coroa Portuguesa de cristianizar os indígenas e de difundir entre eles os padrões da civilização ocidental cristã. [...] reconhecia-se a “conversão dos indígenas à fé católica pela catequese e instrução” como atividade prioritária para o êxito da colonização portuguesa. Tratava-se da aculturação sistemática dos nativos através da educação (PAIVA, 1987, p. 56).

Verifica-se o intuito de *domar o animal* da nova terra, o aborígene. E as companhias jesuíticas assim o fizeram. Foram instauradas então salas de aula que

iniciaram o processo de dominação através da dissipação das técnicas da língua portuguesa. Eram salas estritamente voltadas ao ensino tecnicista de ler e escrever, sem nenhuma preocupação humanística ou qualquer percepção da dilaceração do patrimônio social e cultural dos nativos brasileiros.

Esse processo de alfabetização através da catequização seguiu entre os povoados de São Vicente, Bahia, Espírito Santo e Pernambuco, chegando a instauração de colégios, iniciando também a educação profissional brasileira e culminando nos seminários, auge da era dos jesuítas. Nesse estágio, os jesuítas já estavam preparando habitantes nativos para a vida cristã, mas também capacitando-os para continuarem o legado como disseminadores do conhecimento. Este último é fator estratégico pois ultrapassaria a barreira da etnia, da cultura e do social, aproximando o professor do aprendiz; o dominador do dominado. Um salto qualitativo no processo gerencial da dominação e submissão.

A forma de alfabetização então adotada na época em nada se assemelhava com o conceito de alfabetização defendido por Libâneo (2005, p. 117):

Devemos inferir, portanto, que a educação de qualidade é aquela mediante a qual a escola promove, para todos, o domínio dos conhecimentos e o desenvolvimento de capacidades cognitivas e afetivas indispensáveis ao atendimento de necessidades individuais e sociais dos alunos. Bem como a inserção no mundo e a constituição da cidadania também como poder de participação, tendo em vista a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Ainda sobre alfabetização, Freire *apud* Page (2003, p. 02) corrobora com Libâneo quando diz que ela é “uma estratégia de liberação [que] ensina as pessoas a ler não só palavras, mas também o mundo”.

Não se pode excluir o caráter social do processo existente entre conhecimento e poder. Ao adquirir o conhecimento, considera-se o indivíduo como capitão de sua própria transformação, porém é importante salientar que esta se dá principalmente através das interações sociais e de como elas são absorvidas por cada indivíduo. As interações fazem parte da vida de todo ser humano, desde o período gestatório até o fim, num processo infundável de aprendizado. Voltando a análise à época da colonização, percebe-se que o que houve realmente de transformação poderia ser chamado de aniquilação, “(um) progressivo abrandamento das resistências aborígenes e de suave mas persistente penetração das barreiras étnicas e

culturais, transformando ferozes antropófagos em cristãos submissos e obedientes” (PAIVA, 1987, p. 57).

A educação até então não se importava com o desenvolvimento do conhecimento humano, e sim apenas com a facilitação da comunicação entre dominador e dominado, para entendimento e busca da submissão, de forma totalmente focada e autoritária.

Ademais, não há, analisando o ser humano, uma distinção entre processos dependentes e independentes de absorção do conhecimento. Existe sim uma interdependência. Adotar uma visão particionada “parte da ideia de que o homem é um ser passivo moldado pelo meio e determinado pelas suas contingências” (PEREIRA, 1985, p. 16). Admitindo o contrário, numa visão interdependente, admite-se o homem como “ser activo com imensa capacidade de modificar o meio, de escolher para si objectivos e de criar um sistema de valores pessoais” (PEREIRA bis in idem).

Conjuntura atual

Mas e hoje? Como se configura a dialética existente entre conhecimento e poder? Atualmente o ser humano vive intensamente os efeitos da globalização. Com a democratização dos meios de comunicação, com o advento da rede mundial e com a quebra das barreiras internacionais, institui-se a Sociedade do Conhecimento, onde tudo é muito rápido, dinâmico e um tanto quanto efusivo.

E assim o é a dialética existente entre conhecimento e poder. Hoje, apenas deter o conhecimento não significa realmente deter o poder. O conhecimento é apenas uma ferramenta, que se não for bem gerida, não será bem aproveitada, isso tanto no campo pessoal quanto profissional. O que ocorre é que, com a democratização da informação, cria-se uma concorrência feroz. O profissional fica então preso em uma cadeia cíclica de busca por capacitações, de atualizações, que no final, se não bem geridas, nada servem. A conjuntura social mercadológica necessita de profissionais criativos, pró-ativos, com fácil poder de comunicação, de liderança, de adaptação a rápidas e intensas mudanças. Mas até que ponto o ser humano é capaz de estar totalmente atualizado, especializado, sendo que a produção da informação hoje é na velocidade dos *bits* e *bytes*? Percebe-se então que o próprio processo social evoluiu e

desencadeou seu processo de dominação, mais arrojado, mais subliminar, mais sutil. O importante agora, não é apenas deter o conhecimento, mas saber aplicá-lo, não a nível micro, mas sim a nível macro, de forma a entender o processo social de dominação, para aí tentar dominá-lo.

Referências

FERREIRA, A. B. H. *Miniaurélio: O minidicionário da língua portuguesa*. Curitiba: Positivo, 2004.

FREIRE, P. *A importância do ato de ler*. São Paulo: Cortez, 1994.

LAKATOS, E. M. *Metodologia do trabalho científico: Procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, publicações e trabalhos científicos*. São Paulo: Papyrus, 1991.

LIBÂNEO, J. C.; OLIVEIRA J. F.; TOSCHI M. S. *Educação escolar: políticas estrutura e organização*. (Coleção Docência em Formação). São Paulo: Cortez, 2005.

PAIVA, V. P. *Educação popular e educação de adultos*. São Paulo: Edições Loyola, 1987.

PEREIRA, O. G e JESUÍNO, J. C. *Psicologia social do desenvolvimento – socialização e saúde mental*. (Coleção Horizontes de Psicologia). Lisboa: 1985.

WIKIPÉDIA. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Poder>>. Acesso em: 17 de outubro de 2008.

WIKIPÉDIA. Disponível em: <<http://pt.wiktionary.org/wiki/Conhecimento>>. Acesso em: 17 de outubro de 2008.

HISTORICAL ANALYSIS OF THE POWER OF KNOWLEDGE IN PERIOD OF COLONIZATION OF BRAZIL

ABSTRACT

This article aims to analyze and evidence the Brazilian education in the period of colonization, especially in the Jesuit period. The study focuses on the validation of domination or search for the same through the arrest of knowledge. Rises as chance to dominate it, simply hold the individual knowledge. The most important question of this work is connected to the study of how to setup the process of social domination through education during the Jesuit period, ending a parallel with the contemporary.

Keywords: education, social domination, knowledge, power.